

MOVIMENTO DE EDUCADORES/AS EM DIREITOS HUMANOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Susana Sacavino
Novamerica – PUC-Rio

Embora a Educação em Direitos Humanos na América Latina tenha mais de vinte anos de existência, em nosso país podemos dizer que ainda é incipiente, especialmente na área da educação formal.

Algumas instituições, tanto ONGs como referidas aos sistemas públicos, especialmente secretarias municipais de educação, introduziram o tema da Educação em Direitos Humanos em suas atividades de formação. No entanto, essa introdução, tanto na formação inicial como continuada de professores/as é ainda tímida. Especialmente no âmbito público, as experiências têm se desenvolvido tendo em geral como uma de suas características a falta de continuidade e, em muitos casos, podem ser consideradas como capacitações pontuais dependentes da concessão de verbas específicas, sem configurarem um processo sistemático de formação.

No âmbito das ONGs, uma das instituições com mais de quinze anos de experiência ininterrompida na formação de educadores/as em Direitos Humanos, é a organização não governamental Novamerica, sediada no Rio de Janeiro. Um dos aspectos mais inovadores do trabalho que vem realizando e que será o foco da presente comunicação é a promoção, desde o final da década dos noventa, de um Movimento de Educadores/as em Direitos Humanos (MEDH).

A Novamerica apostou nessa direção investindo na criação de um movimento de educadores/as de escolas públicas, entendendo-o desde esse momento como um dos movimentos organizados da sociedade civil e tendo como principais preocupações desenvolver processos formativos a partir de uma educação na ação e constituir um sujeito coletivo que luta por uma cidadania e uma democracia como estilo de vida a partir do compromisso com a educação.¹

Gohn (2005:16) afirma que “*a educação ocupa lugar central na acepção coletiva da cidadania*”. A cidadania se constrói como no interior da prática social, como um processo fruto do acúmulo das experiências e lutas coletivas engendradas na dinâmica da sociedade. Desta forma, a cidadania coletiva constitui novos sujeitos históricos, através dos processos de construção de identidades político-culturais que as lutas cotidianas geram.

Boaventura de Sousa Santos (95) afirma, em perspectiva confluyente, a necessidade da formação de subjetividades inconformistas e rebeldes para a ação transformadora, assim como de subjetividades democráticas como elemento determinante das possibilidades de democratização da sociedade.

Ressalta também a indissociabilidade entre democracia e emancipação entendida como:

“um conjunto de lutas processuais, sem fim definido. O que distingue de outros conjuntos de lutas é o sentido político da processualidade das lutas.

¹ Esta análise tem como referência o artigo de MELLO, L.C. A. *O movimento de educadores em direitos humanos como espaço de formação de professores*. Revista Novamerica/Nuevamerica, nº 102, junho, Rio de Janeiro, 2004.

Esse sentido é, para o campo social da emancipação, a ampliação e o aprofundamento das lutas democráticas em todos os espaços estruturais da prática social conforme estabelecido na nova teoria democrática”. (p.277)

Nesse sentido um dos eixos articuladores da proposta metodológica de Educação em Direitos Humanos desenvolvida pela Novamerica é o cotidiano como referência permanente da ação educativa, em ampla consonância com o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, que apresenta como uma de suas propostas:

“Trabalhar questões relativas aos direitos humanos e temas sociais nos processos de formação continuada de educadores, tendo como referência fundamental as práticas educativas presentes no cotidiano escolar”. (p.19)

Desenvolver uma permanente atenção ao espaço cotidiano implica a capacidade de interrogar-se sobre o sentido dos acontecimentos que cada dia impactam, muitas vezes de forma dramática, nosso tecido vital e nossas consciências. Para transformar a realidade é necessário trabalhar o cotidiano em toda sua complexidade. É no tecido diário de relações, emoções, perguntas, socialização e produção de conhecimentos e construção de sentidos que criamos e recriamos continuamente nossa existência. (Candau, et alli, 1995:109)

Com o autor peruano Sime (91), afirmamos que, uma proposta educativa que assuma como eixo central a vida cotidiana tem que desenvolver de modo criativo três dimensões básicas: uma pedagogia da indignação, uma pedagogia da admiração e uma pedagogia de convicções firmes. Todas estas dimensões contribuem para a construção democrática, que exige que a consciência dos Direitos Humanos, tão massacrados de diferentes maneiras na nossa sociedade, seja continuamente alimentada, renovada e atualizada, penetrando as diferentes práticas sociais, entre as quais a educativa.

Um aspecto essencial de nossa proposta é contribuir para que a cultura escolar e a cultura da escola tenham os Direitos Humanos como referência fundamental, a nível teórico e prático, investindo no/a educador/a como agente disseminador e multiplicador desta cultura. Consideramos que, ao abrirmos espaços de ação-reflexão-ação sobre os Direitos Humanos nas escolas, estamos reforçando o compromisso com a democracia e com uma cidadania ativa, nutrindo a esperança de todos/as aqueles/as dispostos/as a desenvolver uma prática educativa participativa e dialógica, aprofundando o campo político em todos os espaços de interação social. Esta visão da democracia leva à necessidade de ampliação do conceito de cidadania para além do princípio da reciprocidade e simetria entre direitos e deveres. A cidadania não é identificada somente com a obrigação política vertical entre cidadãos e Estado mas também como uma obrigação política horizontal entre cidadãos, o que leva à revalorização do princípio da comunidade e, com ele, a idéia de igualdade sem mesmidade, de autonomia e solidariedade. (Oliveira: 2006: 69)

2. Principais Estratégias

O MEDH está estruturado a partir de um amplo programa de formação concebido com diferentes estratégias que se interrelacionam e colaboram para a sua consolidação e desenvolvimento.

O programa de formação atinge um total de 120 horas anuais. Oferece também aproximadamente 30 horas de atividades de enriquecimento e/ou aprofundamento, de caráter eletivo.

A continuação destacarei as estratégias consideradas fundamentais na proposta de Educação em Direitos Humanos desenvolvida pela Novamerica.

2.1. Organização

A organização é uma estratégia importante para o desenvolvimento do Movimento de Educadores/as em Direitos Humanos, concebido como um espaço de formação continuada de professores/as. Ela tem por base núcleos locais aglutinadores dos educadores/as participantes. Cada núcleo está integrado por educadores/as que trabalham em diferentes escolas públicas da mesma cidade ou município. Podem também ser de diferentes cidades ou municípios da mesma região.

No momento atual o MEDH conta com 371 educadores/as afiliados, distribuídos em 6 núcleos, envolvendo 12 cidades entre a capital e o interior do Estado do Rio de Janeiro.



A adesão ao Movimento de Educadores/as em Direitos Humanos se realiza através do preenchimento de uma ficha de filiação, que além dos dados pessoais, supõe o seguinte compromisso de adesão, orientado a ser vivido na prática cotidiana de cada educador/a.

Ao confirmar minha adesão ao MEDH - Movimento de Educadores/as em Direitos Humanos comprometo-me a:

- *Analisar criticamente a realidade, tendo os DDHH como referência e vivenciando cotidianamente atitudes que os afirmem.*
- *Promover uma cultura e uma educação em/para os Direitos Humanos e a Paz.*
- *Exercitar a tolerância, respeitando as diferenças no nosso dia a dia e nas práticas educativas que desenvolvemos, buscando mudanças de mentalidades com vistas à transformação da realidade.*
- *Mobilizar e sensibilizar as comunidades e as instituições educativas quanto à importância da proposta de educação em DDHH.*

Esta configuração por núcleos exigiu a criação de uma outra estratégia específica que diz respeito ao trabalho com um grupo permanente de professores/as que se responsabilizam por dinamizar o processo de Educação em Direitos Humanos na própria escola. Trata-se de viabilizar uma proposta de formação pedagógica tomando como centro irradiador um/a professor/a da escola, que esteja mais preparado ou sensibilizado em relação com a discussão dos direitos humanos na educação. Este educador/a passa a assumir o papel de agente multiplicador de Educação em Direitos Humanos não só ao interior da sua escola mas também em outros espaços que configuram o próprio MEDH, tais como, encontros de educadores/as, seminários, etc. com vista a fortalecer o próprio movimento.

Outro espaço importante que também faz parte da estratégia de organização do MEDH são os Encontros, que vêm sendo realizados desde o ano de 2001. Estes encontros são de dois níveis, um anual por Região, que é realizado no primeiro semestre de cada ano, e um Encontro Estadual, no segundo semestre de cada ano, que congrega os diferentes núcleos do Estado do Rio de Janeiro.

Desde o início esses encontros foram concebidos com o objetivo de ampliar e fortalecer o MEDH, evidenciando-se desde o primeiro a proposta de se formar um movimento comprometido com a construção de uma cultura dos direitos humanos na escola. Neste sentido, em cada encontro são utilizadas diferentes estratégias para socializar e fortalecer uma cultura dos direitos humanos, tais como: intercâmbio de experiências entre as escolas envolvidas, realização de exposições com os trabalhos desenvolvidos na sala de aula com os alunos/as, mesas redondas integradas com os próprios educadores/as onde eles apresentam suas experiências e/ou integradas também por especialistas sobre os temas que estão sendo aprofundados nos encontros, debates sobre as experiências pedagógicas desenvolvidas nas escolas, entre outras.

2.2. Ciclos de Oficinas Pedagógicas

Outra estratégia importante para a formação dos educadores/as são os ciclos de oficinas pedagógicas.

A oficina pedagógica, metodologia de trabalho privilegiada pela Novamerica, é concebida como um espaço de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confronto e intercâmbio de experiências e de exercício dos Direitos Humanos. As dinâmicas utilizadas envolvem a participação, a socialização da palavra e a vivência de situações concretas. Pretende-se que as oficinas colaborem a reforçar a conscientização e a dimensão ética, assim como a aprofundar no compromisso sócio-político inerente à luta e à Educação em Direitos Humanos.

O programa do ciclo de oficinas é estruturado anualmente através do lema de trabalho escolhido pela equipe e os participantes das atividades da Novamerica. Esse lema, que sempre tem relação com a Educação em Direitos Humanos e a cidadania, é desenvolvido em forma de campanha e orienta as atividades e os conteúdos produzidos pela instituição. Ao longo do ano ele vai sendo aprofundado desde diferentes dimensões e ângulos.

Desde o ano 2000, as temáticas abordadas a partir dos lemas trabalhados foram as seguintes:

- *“As armas da PAZ são: Justiça, Direitos Humanos, Solidariedade”*. (2000)
- *“Afirmar a igualdade, reconhecer a diferença: diga não a discriminação”*.(2001)
- *“Iguais e diferentes: democracia para tod@s”*. (2002)
- *“Cuidar da vida, construir cidadania: ‘Um outro mundo é possível’”*. (2003)
- *“Mulheres e homens em parceria: cidadania em plural”*. (2004)
- *“Paz: Direito de tod@s! Entre nessa, abrace esta luta!”* (2005)
- *“Educação de Qualidade não é privilégio! É direito de tod@s”*. (2006)

Cada ciclo básico de oficinas está formado por quatro oficinas num total de 16 horas de trabalho, desenvolvidas ao longo do ano por todas as escolas participantes no programa. Além do ciclo básico existem outros ciclos de enriquecimento com temas diversos, que estão sempre disponíveis para serem realizados de acordo com as possibilidades de cada centro educativo.

Os conteúdos propostos na formação são concebidos na linha de construção de um conhecimento emancipador desde a ótica dos direitos humanos, que contribua para o fortalecimento da democracia emancipatória, num mundo dominado pelo conhecimento como regulação. Esta construção só pode ser realizada colocando-se o conflito no centro, como expressa Santos (96:25):

“o projeto pedagógico consiste em reconstruir o conflito entre o conhecimento-come-regulação e o conhecimento-come-emancipação. O conflito pedagógico será, pois, entre duas formas contraditórias de saber, entre o saber como ordem e colonialismo e o saber como solidariedade e como caos. Estas duas formas de saber servem de suporte a formas alternativas da sociabilidade e da subjetividade. Ao campo pedagógico compete experimentar, pela imaginação da prática e pela prática da imaginação, essas sociabilidades e subjetividades alternativas, ampliando as possibilidades do humano até incluí-las a todas e até poder optar por elas.”

Outra dimensão importante em relação com os conteúdos da Educação em Direitos Humanos, é a que se refere à assimetria entre as diferentes culturas, ao predomínio da estruturação do conhecimento tendo como centro a cultura ocidental, realidade que tem marcado os currículos escolares com muita força. O modelo curricular dominante tende a hierarquizar as relações entre culturas segundo critérios que são tidos como universais, ainda que sejam específicos de um determinado universo cultural. Tendo esta realidade como referência, é fundamental desde um enfoque emancipatório desestabilizar este tipo de relacionamento entre culturas, valorizando-se os conhecimentos, práticas e expressões de diferentes grupos culturais marginalizados,

excluídos e silenciados. Esta dinâmica desestabilizadora estimulará a explicitação de diferentes saberes, a construção de outros conhecimentos e a criação de um espaço pedagógico intercultural, que reforce a construção da democracia emancipatória. (Santos:96:30)

A título de exemplo apresentamos o programa do ciclo de oficinas desenvolvido sobre o lema **“Mulheres e homens em parceria: cidadania em plural”**. Acompanhando os novos traçados no conceito de cidadania e a ampliação do campo de direitos humanos, propomos uma ruptura com a hierarquia naturalizada – e secularmente vigente – entre homens e mulheres, apostando na transformação nas relações de gênero e na ênfase na cidadania em plural, como uma referência de direitos que se estendem para homens e mulheres em igualdade de condições.

Este ciclo teve os seguintes objetivos específicos:

- *Promover a reflexão sobre o lema “Mulheres e Homens em Parceria: Cidadania em Plural”, imbuídos/as da esperança e crença na possibilidade de contribuir para uma maior igualdade ente homens e mulheres no conjunto da sociedade.*
- *Aprofundar o tema da cidadania em plural, buscando um entendimento sobre a construção social e cultural do feminino e masculino, afirmando o compromisso com o projeto de mudança nas relações de gênero na escola.*
- *Buscar formas concretas de promover uma educação não sexista, pautada pelo respeito aos direitos humanos de mulheres e homens, reforçando a construção de um novo projeto de emancipação social com vistas à democracia para todos e todas.*

As quatro oficinas foram estruturadas tendo em conta os seguintes conteúdos:

- Primeira oficina: **“Ser mulher, ser homem: uma construção histórica”**.

Objetivo

Refletir sobre o conceito de gênero a partir do enfoque histórico do movimento feminista, ressaltando diferentes momentos e sentidos do feminismo.

- Segunda oficina: **“Ser mulher, ser homem: a construção social e cultural do feminino”**.

Objetivo

Refletir sobre questões relativas à construção social e cultural do feminino, privilegiando dois eixos: a relação entre gênero e direitos humanos e a discussão sobre a feminização do magistério.

- Terceira oficina: **“Ser homem, ser mulher: a construção social e cultural do masculino”**.

Objetivo

Refletir sobre questões relativas à construção social e cultural do masculino, destacando a crise da masculinidade na sociedade atual.

- Quarta oficina: **“Ser homem, ser mulher: desconstruindo estereótipos, construindo parcerias – o papel da escola”**.

Objetivo

Refletir sobre a atuação da escola na construção da desigualdade entre os gêneros, identificando os caminhos para uma educação não-sexista.

Os depoimentos dos/as educadores/as participantes neste ciclo de formação nos dizem o seguinte a respeito da contribuição dos temas trabalhados:

“A reflexão sobre ser homem e ser mulher na sociedade vem transformando minha vida pessoal e minha postura como professora, contribuindo, é claro, para eu trabalhar a mentalidade dos/as alunos/as. O conteúdo dos textos me ajudaram a enriquecer minhas aulas”,

“A temática de gênero tem a relevância de nos mostrar com que atitudes reforçamos as diferenças sexistas, para que façamos uma reconstrução de nossos pensamentos e atitudes para ajudar a transformar a escola em que atuamos”.

“O tema tem propiciado uma fundamentação teórica para compreender melhor a questão de gênero no âmbito da sala de aula. Ajuda a quebra dos “dogmas” institucionalizados quanto aos “papeis” de homens e mulheres”.

“Mais uma oportunidade de colocar o dedo numa ferida que vem sangrando violência, discriminação, preconceito, etc.... na história da humanidade”.

“As oficinas pedagógicas foram importantes porque favoreceram a reflexão a partir de teorias que falam sobre gênero. Outro aspecto importante para mim, foi o próprio tema, que nunca tinha sido despertado para uma reflexão de minha parte. Essa descoberta me provocou um crescimento como educadora e cidadã. Ampliou alguns horizontes. O interessante também foi a estrutura pedagógica das oficinas que facilitou a integração e a aprendizagem do grupo”.

2.3. Materiais Pedagógicos

Outra estratégia importante para o fortalecimento do Movimento de Educadores/as em Direitos Humanos é a produção de materiais pedagógicos que dão suporte e enriquecem a formação.

Um desses materiais é o boletim *DDHH na Sala de Aula*, publicação mensal de apoio pedagógico que se propõe apresentar sugestões práticas para o trabalho em

Educação em Direitos Humanos, divulgar as atividades desenvolvidas nas escolas e oferecer subsídios teóricos que possam dar apoio às práticas cotidianas.

Ele está estruturado de modo a reforçar os temas abordados no ciclo de oficinas representando um importante reforço para inserir nos debates das escolas diferentes temas relacionados ao lema de cada ano.

Para cada sugestão de atividades, a recomendação de problematização e/ou de recriação do obtido, conforme o caso, bem como a socialização dos trabalhos de turmas/séries, para a escola como um todo.

No que diz respeito aos subsídios teóricos de apoio às práticas cotidianas, cada boletim traz, a indicação de livros e sites para professores, e publica textos selecionados sobre a temática, além de recomendações de textos de literatura infanto-juvenil para os/as alunos/as.

Experiências desenvolvidas pelas escolas, publicadas pelo boletim (em junho e outubro) são indicativas do alcance do *DDHH em Sala de Aula* como material de apoio pedagógico para professores/as e do processo vivido por eles/elas com suas turmas, bem como dos resultados alcançados.

Outros materiais de apoio disponíveis são a revista *Novamerica/Nuevamerica*, bilíngüe (em português e espanhol), monotemática, trimestral, que reflete sobre os desafios comuns para América Latina com vistas à formação de uma consciência latino-americana, e os *Cadernos Novamerica*, de produção assistemática, que visa à divulgação de textos da equipe sobre temas específicos relacionados com os direitos humanos e a recolhida de experiências desenvolvidas pelos educadores/as em suas unidades escolares.

Além disso, a Novamerica dispõe também de biblioteca, videoteca e de um banco de dados na internet, que podem ser consultados pelas escolas e educadores/as participantes.

3. As vozes dos/as participantes no MEDH

Tendo como referência a pergunta sobre o que significa participar no Movimento de Educadores/as em Direitos Humanos, os depoimentos abaixo relacionados expressam de modo sintético as posições predominantes entre os participantes:

“Significa aprofundar conhecimentos, socializar experiências que muitas vezes ficam isoladas na aula. Para mim é bastante considerável profissional e pessoalmente participar do MEDH. Eu gosto de fazer parte desse movimento, sobretudo por causa da seriedade, do profissionalismo e da organização dele como um todo.”

“Significa crescer e descobrir como é bom contar com mais um. Ele é a grande contribuição para nossa prática dentro da escola e em outras instituições. Como pessoa aumenta a minha responsabilidade com o próximo e seus Direitos e profissionalmente o aumento da possibilidade de melhorar a atuação na sala de aula.”

“Este movimento contribui bastante para minha formação, além de oferecer a possibilidade de conhecer e pensar nestas questões através de uma

transposição didática que favorece a prática de sala de aula. Acredito que esse movimento é muito relevante para nós profissionais...”

“Participar do MEDH é fazer parte das mudanças que precisamos em nossa sociedade para que possamos viver em paz, com respeito, menos violência. E através da participação no MEDH adquirimos recursos para fazermos essas mudanças.”

“Significa ter a força do grupo, o movimento apaixonado de luta por dignidade neste mundo. É viver um processo contínuo de aprendizado, resignificando conteúdos, conceitos e recriando novas possibilidades para o trabalho pedagógico.”

“Participar significa estar comprometido como educador, que promove mudanças, que é capaz de “mexer” com o interior das pessoas, buscando assim construir um mundo mais justo, onde todos tenham a consciência de que somos nós que podemos mudar as estruturas, construir, trazer o amor de volta. Para podermos de fato trabalhar os Direitos Humanos e chegar a paz.”

4. A modo de conclusão: alguns desafios para o desenvolvimento do MEDH

O MEDH é uma realidade que vem sendo tecida no cotidiano com diferentes fios entrecruzados que se reforçam mutuamente, tais como: formação, participação, prática pedagógica, compromisso, celebração, dimensão sócio-afetiva, entre outros. Trata-se de um caminho em processo que apresenta vários desafios para a sua consolidação e desenvolvimento. Destacaremos alguns que nos parecem de particular relevância.

Como é um movimento, o MEDH por sua própria natureza apresenta um contínuo dinamismo. As pessoas se aproximam, circulam, participam, se envolvem, algumas vão construindo uma forte identificação com a proposta e se vinculam de modo permanente, outras marcam presença em algumas atividades de modo esporádico. Esta realidade faz com que se afirme a importância de se contar com uma célula central, com forte compromisso e estabilidade, que garanta a continuidade, promova a renovação, a aglutinação de novos participantes, assim como a contínua atualização do movimento. Esta realidade exige o desenvolvimento de um processo formativo sempre aprofundado que periodicamente volte às origens e reconstrua a história, atualize a leitura do contexto sócio-político e cultural e alimente o sentido de pertença. Este constitui o primeiro desafio que consideramos importante destacar.

Quanto ao segundo, se relaciona com a própria compreensão do significado da proposta de construção democrática emancipatória, a qual já nos referimos. Esta concepção supõe a formação de sujeitos históricos ativos, críticos e propositivos, capazes de ser gestores corresponsáveis do próprio movimento. Trata-se de um processo educativo alimentado pelas convicções e práticas pedagógicas inerentes ao movimento, que exige aprofundar no próprio sentido da democracia em nossa sociedade. Esta é uma dimensão que a equipe da Novamerica valoriza de modo especial e tem consciência de que, uma vez transcorrido este período inicial do MEDH que já apresenta certa

consolidação, se faz necessário aprofundar e dar um novo passo na perspectiva de uma gestão mais coletiva e corresponsável dos próprios membros.

Correlativo com o desafio anterior, consideramos importante articular a dimensão cognitiva com aspectos sócio-afetivos, simbólicos e celebrativos, assim como com práticas concretas que sejam desenvolvidas pelas diferentes estratégias utilizadas pelo Movimento.. Este não se sustenta a partir fundamentalmente da promoção de eventos. Exige um cuidadoso processo educativo capaz de gerar agentes multiplicadores comprometidos com a construção cotidiana de uma cultura dos Direitos Humanos.

Consideramos o MEDH um “lócus” significativo para a formação em serviço de professores/as em Educação em/para os Direitos Humanos desde a ótica de um projeto emancipatório. Estamos convencidos de sua oportunidade e relevância. Assumimos o compromisso de continuar este caminho tendo por referência estas palavras de Boaventura de Sousa Santos (96:29-30):

“um projeto educativo emancipatório tem de colocar o conflito cultural no centro de seu currículo. As dificuldades para o fazer são enormes, não só devido à resistência e à inércia dos mapas culturais dominantes, mas também devido ao modo caótico como os conflitos culturais têm vindo a ser discutidos no nosso tempo (...)

O projeto educativo emancipatório tem, pois, nesse domínio, responsabilidades acrescidas. Tem de, por um lado, definir corretamente a natureza do conflito cultural e tem de inventar dispositivos que facilitem a comunicação.”

BIBLIOGRAFIA

AMARAL MELLO, L.C. *O movimento de educadores em direitos humanos como espaço de formação de professores*. Revista Novamerica/Nuevamerica, nº 102, junho, Rio de Janeiro, 2004.

CANDAU, V.M. et alli. **Oficinas Pedagógicas de Direitos Humanos**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOHN, M. da G. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, I.B. de. **Boaventura & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, B. S. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____ Para uma pedagogia do conflito. In: SAILVA, L.H., AZEVEDO. J.C., SANTOS, E.S. (org). **Novos mapas culturais: novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS, MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: SEDH/MEC, 2004.

SIME, L. Derechos Humanos y Educación. In: **Educar en Derechos Humanos: Reflexiones a partir de la experiencia**. Lima: Comisión Episcopal de Acción Social y otros, 1991.



www.dhnet.org.br